



Cerca de 40% das pastagens no Brasil estão em boas condições

Informação integra estudo desenvolvido pela SAE que contou com o apoio do GTPS

O Brasil possui 172 milhões de hectares de pasto e cerca de 40% desse território estão em boas condições. O cenário é resultado do estudo Radiografia das Pastagens, lançado na última quinta-feira, 11, pela Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República (SAE), em parceria com a Universidade Federal de Goiás (UFG). Presente no evento, a coordenadora executiva do Grupo de Trabalho da Pecuária Sustentável (GTPS), Sheila Guebara, contribuiu para a produção do material.

Com o objetivo de localizar, quantificar e qualificar as áreas de pastos no Brasil, a equipe, coordenada pelo assessor da SAE Rafael Fleury, utilizou imagens satelitárias e mapas para analisar padrões climáticos, séries temporais censitárias, índices de vegetação e medidas de biomassa para gerar padrões biofísicos regionalizados das pastagens. “A motivação para conduzir o projeto é que nós entendemos as pastagens como paisagens produtivas e sustentáveis. A agropecuária não é a vilã da emissão de gases do efeito estufa, pois se tivermos o manejo sustentável de tais áreas elas podem ser vistas como commodities ambientais”, afirmou Fleury.

O subsecretário de Desenvolvimento Sustentável, Sergio Margulis, informou que o estudo será publicado em 2015 para auxiliar na elaboração de políticas públicas, incluindo as voltadas para o crédito e extensão rural afetas ao setor agropecuário. “O trabalho é focado na importância de pastagens produtivas para a intensificação sustentável da pecuária nacional”, ressaltou.

Os resultados do estudo foram apresentados durante um workshop que reuniu especialistas e pesquisadores dos setores público e privado, além de representantes de instituições parceiras como o GTPS. Durante o workshop, Laerte Guimarães Ferreira, do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da UFG, apresentou os resultados, desdobramentos e perspectivas do projeto. Segundo ele, a caracterização biofísica das pastagens constitui-se como a principal forma de terra no Brasil. As áreas são interiorizadas e estão localizadas ao longo do eixo Cerrado-Amazônia. “Além disso, observamos uma expansão consistente, entre 2002 e 2010, com a localização de matadouros, frigoríficos e limites de terras indígenas e unidades de conservação”, completou.

De acordo com o levantamento, o Centro-Oeste é a região que mais concentra a atividade pecuária do Brasil com alta produtividade das pastagens cultivadas e conta com oito meses de boas condições hídricas. Já na região Nordeste, as áreas não são expressivas, pois a predominância é de pastagem nativa decorrente do déficit hídrico.

Outro destaque do estudo são os dados que revelam a redução das queimadas depois de 2007, indicando melhoras de manejo e aumento da produtividade. “Em média, a queimada em área de pastagens corresponde a 19% de tudo o que é queimado no Brasil. Tivemos momentos expressivos em 2005, 2007 e 2010, mas, depois deste período, é possível perceber a redução desses acontecimentos, o que expressa uma forte indicação de manejo das áreas. Quando olhamos as áreas produtivas, nas pastagens em municípios que recebem recursos para a

recuperação dos terrenos, ou em áreas de recuperação, as queimadas são bem menores”, ressaltou Laerte Ferreira.

Para Rafael Fleury, as pastagens recuperadas e bem remanejadas conseguem mitigar gases de efeito estufa provendo serviços de ecossistema. “Um pasto produtivo pode compensar, por meio do carbono e solo, a emissão de metano, ou seja, ele participa de forma muito positiva dos processos de interação entre a superfície e a atmosfera. Portanto, o nosso objetivo é conseguir sair a campo e gerar mapas biofísicos para o todo o Brasil com a intenção de auxiliar no desenvolvimento de políticas para o crescimento da produtividade das pastagens no país”, conclui.

De acordo com Fernando Sampaio, membro da Comissão Executiva do GTPS, a evolução sustentável na pecuária é constante. “Podemos assinalar alguns marcos importantes que contribuíram para acelerar essa evolução. A introdução do zebu, por exemplo, no fim do século XIX e começo do século XX, a introdução da braquiária e seu melhoramento feito pela Embrapa foram outro. Mais recentemente a evolução do status sanitário, o fim da inflação e o aumento das exportações contribuíram para acelerar os índices de produtividade bem como novas técnicas de reprodução e a integração lavoura, pecuária e floresta. São pontos como estes que contribuem para desvincular a pecuária do desmatamento”, afirmou.

Sobre o GTPS

Criado no final de 2007 e formalmente constituído em junho de 2009, o **Grupo de Trabalho da Pecuária Sustentável (GTPS)** é formado por representantes de diferentes segmentos que integram a cadeia de valor da pecuária bovina no Brasil, entre eles indústrias, organizações do setor, produtores e associações, varejistas, fornecedores de insumos, bancos, organizações da sociedade civil, centros de pesquisa e universidades. O objetivo do GT é debater e formular, de maneira transparente, princípios, práticas e padrões comuns a serem adotados pelo setor, que contribuam para o desenvolvimento de uma pecuária sustentável, socialmente justa, ambientalmente correta e economicamente viável. Em 2014, o grupo recebeu o Certificado de Excelência em Sustentabilidade na categoria Governança Corporativa, entregue pelo Instituto Brasileiro de Executivos de Finanças (IBEF) em reconhecimento ao processo claro e transparente de tomada de decisões e demonstração de resultados do GTPS. Mais informações sobre o GTPS estão disponíveis no site www.pecuariasustentavel.org.br. Acompanhe também pelo twitter, em @gtps_brasil, e pelo Facebook, em www.facebook.com/gtpsbrasil.

Informações para a imprensa:

Alfapress Comunicações

Gabriela Moraes

Consultora de comunicação

gabriela.moraes@alfapress.com.br

(19) 2136-3500/(19) 9.9942-8887

Edna Lira

Coordenadora de comunicação

edna.lira@alfapress.com.br

(19) 2136-3513/(19) 9.9104-3912